

# Formas lexicais desviantes por aprendizes de Português L2

*Deviant lexical forms by learners of L2 Portuguese*

Alessandra Baldo  

alessabaldo@gmail.com

Universidade de Coimbra - UC

## Resumo

Este artigo descreve um estudo de natureza qualitativa que investigou dois tipos de formas lexicais desviantes em 23 produções escritas de falantes de italiano que aprendiam português como L2 em um contexto de imersão, subdivididos em dois grupos de proficiência. O objetivo principal foi verificar se haveria uma relação entre o nível de proficiência dos aprendizes e a tipologia de desvios encontrados – desvios por empréstimo e desvios por criação de neologismos. Esperava-se que (i) os aprendizes menos proficientes cometessem mais desvios por empréstimo, dado seu conhecimento linguístico mais limitado da L2, e que (ii) os aprendizes mais proficientes produzissem mais formas lexicais desviantes por criação de neologismos, uma vez que possuíam um maior conhecimento da língua-alvo. Nenhuma das previsões foi confirmada pela análise dos dados, efetuada com o suporte teórico da morfologia construtivista (BOOIJ, 2005, 2010, 2015). Explicações para o resultado obtido são fornecidas, com base em evidência de pesquisa.

## Palavras-chave

Desvios lexicais em L2. Transferência linguística. Morfologia Construtivista.

## Abstract

This article describes a qualitative study which investigated two types of deviant lexical forms identified in 23 written productions of Italian speakers, learners of L2 Portuguese in an immersion setting, divided into two groups of proficiency. The main goal was to identify a possible relationship between learner's proficiency level and the typology of lexical forms – i.e., deviant forms due to borrowing or deviant forms due to creation of neologisms. It was expected that (i) the less proficient learners would create more deviant forms due to borrowings, considered their more limited knowledge of the L2, while (ii) the more proficient ones would present more deviant forms due to neologism, as their L2 knowledge was more substantial. None of the expected results, however, was confirmed by data analysis, which was carried out within the theoretical background of Constructive Morphology (BOOIJ, 2005, 2010, 2015). Explanations for the study findings are offered, based on research findings.

## Keywords

L2 lexical deviant forms. Linguistic transfer. Constructive Morphology.

## Introdução

Este artigo apresenta um estudo que teve como tema as formas lexicais desviantes de falantes

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 10/12/2021

Aprovação do trabalho: 03/02/2022

Publicação do trabalho: 11/03/2022



10.46230/2674-8266-13-7438

## COMO CITAR

BALDO, Alessandra. Formas lexicais desviantes por aprendizes de Português L2. **Revista Linguagem em Foco**, v.13, n.4, 2021. p. 134-154. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/7438>.

Distribuído sob



Verificado com

**Plagius**  
Detector de Plágio

de italiano que aprendiam português como L2 em um contexto de imersão. De modo mais específico, foram avaliados dois tipos principais de desvios, pertencentes à categoria “vocabulário indisponível” proposta por Leiria (2006): desvios por empréstimos, desvios por neologismos criados com base na L1 ou em uma língua estrangeira adicional (L3) diversa da língua-alvo<sup>1</sup>, e desvios formais. O corpus do estudo, de natureza qualitativa, foram produções escritas de dois grupos de aprendizes, divididos por nível de proficiência linguística. O objetivo principal foi verificar se haveria uma relação entre o nível de proficiência dos aprendizes e a tipologia dos desvios encontrados, com base em evidências de pesquisa prévias que sustentam uma diminuição da transferência da L1 na interlíngua do aprendiz à medida que a proficiência na L2 aumenta (como, por exemplo, Herwig, 2001, e Naves *et al.*, 2005). Duas questões de trabalho foram colocadas: (i) os aprendizes menos proficientes cometeriam mais desvios por empréstimo, dado seu conhecimento linguístico mais limitado da L2; (ii) os aprendizes mais proficientes produziram mais formas lexicais desviantes por criação de neologismos, uma vez que possuíam um maior conhecimento da língua-alvo.

O texto está organizado em cinco seções. Na primeira, realiza-se uma breve revisão teórica, a qual engloba as relações entre o conceito de interlíngua, empréstimos lexicais e neologismos em L2. Além disso, apresentam-se também a classificação de desvios lexicais na L2 proposta por Leiria (2006) e os princípios da morfologia (derivacional) construtivista proposta por Booij (2005, 2015), que serão empregados na interpretação dos dados. Na segunda seção, a metodologia é exposta, enquanto a terceira seção é dedicada à apresentação dos dados. A análise dos dados é realizada na quarta seção, com o suporte da literatura. A última seção, por fim, tece considerações gerais relativas aos resultados encontrados e oferece sugestões de novos estudos no âmbito do tema aqui abordado.

## 1 Definindo Conceitos

### 1.1 Interlíngua e Empréstimos da L1

Entre os paradigmas correntes que se voltam aos processos cognitivos envolvidos na aquisição de uma língua estrangeira (L2), a teoria de Selinker desenvolvida com base no conceito de interlíngua (IL) em 1972 ainda continua vigente. Por se tratar de um sistema linguístico construído pelo aprendiz a partir da organização linguística da sua L1 e do *input* que recebe de sua língua-alvo, a IL

1 A língua-alvo, aqui, refere-se ao português, ou L2; L3 refere-se a qualquer língua estrangeira adicional diferente do português conhecida pelos sujeitos do estudo, independentemente do nível de proficiência.

tem como um de seus traços constituintes os fenômenos de influência linguística e caracteriza-se por modificações e atualizações constantes.

Tais atualizações ocorrem sempre que um novo *input* possibilita ao aprendiz levantar hipóteses sobre o sistema da língua-alvo, relativas tanto às suas regras sintáticas, fonológicas, morfológicas e pragmáticas. O aspecto notável, conforme assinalam Gass e Selinker (2008, p. 14), é que muitas dessas hipóteses vão além do *input* que o aprendiz recebe, fato que não somente evidencia o seu aspecto criativo, mas representa “a essência empírica da interlíngua”.

Entre os fenômenos de transferência linguística mais investigados no plano léxico-semântico da linguagem estão o *code-switching* e a criação de neologismos. O primeiro envolve as alternâncias, tanto voluntárias como involuntárias, da L1 para a L2. Quando involuntárias, de acordo com Poulisse (1997, p. 208), ocorrem porque, diferentemente da automaticidade habitual da formulação de mensagens na L1, a recuperação e decodificação na L2 podem resultar em um processamento complexo para o aprendiz, especialmente nos níveis morfofonológicos e articulatórios. As alternâncias não-intencionais, explica a autora, comumente designadas de transferências ou interferências translinguísticas, ocorrem quando um item lexical específico não está disponível no léxico mental da L2 de um aprendiz, o que o faz recorrer aos recursos disponíveis no léxico da L1 – gerando, assim, o que se denomina de “empréstimo linguístico”.

Deve-se observar o termo “interferências translinguísticas” no parágrafo precedente: trata-se aqui não somente da influência da L1 na alternância de código, mas também de qualquer outra língua estrangeira conhecida pelo aprendiz, fenômeno identificado por Kellerman (1977), e confirmado por uma série de estudos subsequentes<sup>2</sup>, que ficou conhecido como a perspectiva psicotipológica. O que esses estudos mostraram foi que a motivação principal para o empréstimo não é necessariamente a língua materna do aprendiz e nem a língua estrangeira de maior proficiência, mas sim a percebida como tipologicamente mais próxima da língua-alvo.

Além do repertório linguístico, que se refere tanto à L1 como a outras línguas, a proficiência do aprendiz na L2 é outro fator que tem recebido grande atenção nos processos de transferência da L1 para a L2. Estudos sobre essa relação têm sugerido, de modo geral, que a influência da L1 diminui à medida que a proficiência na L2 aumenta<sup>3</sup>.

Nesse contexto, um resultado relativamente dissonante foi encontrado

2 Por exemplo, Cenoz, 2001; Ringbom, 2007; Singleton e O’Laoire, 2009; Estrela e Antunes, 2017.

3 Conforme encontrado por Olsen, 1999; Herwig, 2001; Naves *et al.*, 2005.

por Garcia-Lecumberri e Gallardo (2003), os quais argumentam que a transferência é a principal estratégia para todos os aprendizes, a diferença consistindo não no seu uso, mas sim nas motivações para fazê-lo. Segundo os dados do estudo, nos estágios iniciais da aquisição a L1 foi empregada como o modelo de referência e suporte para o desenvolvimento de novas estruturas gramaticais e para a incorporação de vocábulos. É nessa fase que o número de empréstimos da L1 foi maior. Por outro lado, à medida em que o aprendiz se tornava mais proficiente na L2, ainda que os casos de transferência lexical tenham reduzidos quantitativamente, a formação de palavras por cunhagem e calques aumentou qualitativamente<sup>4</sup>.

Llach (2010, p. 6) procura justificar os dados do estudo de Garcia-Lecumberri e Gallardo (2003) a partir do seguinte raciocínio: os aprendizes mais proficientes não necessitam tomar emprestado diretamente palavras da L1, sendo capazes de, no caso da formação de calques, realizar a tradução literal e a extensão semântica da L1 para a L2. Já no caso de cunhagens, de modo análogo, esses aprendizes são também capazes de utilizar o léxico da L2 para traduzir as estruturas da L1.

Além dos casos de cunhagem e calque, neologismos também são criados a partir de processos de derivação morfológica, os quais serão vistos em maior detalhe na seção “Neologismos e Morfologia Derivacional”. Na seção seguinte, nos ocuparemos especificamente das relações entre a interlíngua e a formação de neologismos.

## 1.2 Interlíngua e Formação de Neologismos

Jarvis e Odlin (2000, p.537) ponderam que “muito do que se denomina de influência translinguística pode ser visto em termos de retenções”, no sentido de que o aprendiz pode reter algo da sua L1 como uma forma de lidar com os desafios de usar e compreender uma L2<sup>5</sup>. Essa retenção, explicam os autores, abrange tanto a transferência positiva, que ocorre quando há convergência com a língua alvo, como a transferência negativa, ou seja, nos casos de divergência entre a L1 e a L2.

---

4 Calque é uma palavra tomada de empréstimo e traduzida palavra por palavra de uma língua para a outra língua; cunhagem é a adaptação de uma palavra na L1 para as regras grafofônicas e morfológicas da língua-alvo (como, por exemplo, as palavras *estresse* e *delete*, ambas derivadas das palavras inglesas “*stress*” e “*delete*”).

5 É fundamental compreender que, para os autores, a abreviação “L2” refere-se tanto à língua-alvo como a qualquer língua estrangeira adicional (usualmente referida como “L3” na literatura) do aprendiz.

Como exemplo de transferência positiva, Jarvis e Odlin destacam o empréstimo de palavras cognatas, enquanto os erros lexicais – derivados seja do uso de empréstimo, seja da tentativa de construção de um novo vocábulo na L2 a partir do léxico mental da L1 – são individuados como exemplos de transferência negativa.

Tem-se, aqui, outro fenômeno da transferência linguística, ou seja, a formação de neologismos na produção na L2. Durante esse processo, explicam Jarvis e Odlin (2000, p. 538), os aprendizes criam “formas híbridas que mostram um *blending* entre a L1 e a L2”, as quais confirmam o caráter criativo da interlíngua dos aprendizes.

Booij (2005, p. 248) sustenta que o processo de criação de neologismos é explicado de modo mais detalhado, entre os diversos modelos de processamento do léxico mental, por duas propostas de sistema único que não preveem a formação de regras<sup>6</sup>, a primeira delas baseada em analogias, e a segunda, na ideia de exemplares. De acordo com o autor, o primeiro modelo parte do princípio de que uma nova palavra é formada com base em uma palavra existente, sem a necessidade de um padrão morfológico como suporte<sup>7</sup>. Booij explica que, ao adquirir uma língua, o falante inicialmente faz a representação de casos concretos de formação de palavras (ou seja, relação entre uma unidade lexical e um esquema) para, gradualmente, iniciar a fazer generalizações a partir de formas linguísticas com propriedades idênticas, formando assim um sistema abstrato subjacente a esses constructos linguísticos. Assim, o fator determinante para a construção de subgeneralizações é sempre o conhecimento lexical do falante.

O segundo modelo também pressupõe que a formação de novas palavras ocorra por analogia com o conjunto de palavras armazenadas no léxico mental, mas apresenta como diferença principal o fato de assumir que as palavras complexas se constituem em exemplares de categorias específicas de palavras (ou seja, a categoria de compostos formados por “nome + nome” é um exemplar para novas palavras que pertençam somente à mesma categoria).

Cabe observar que os dois modelos referem-se à língua materna. Apesar disso, consideramos que podem ser adaptados para o contexto de criação de neologismos em L2 se consideradas as noções de léxico mental da L2, transferência linguística e *blending*.

---

6 As abordagens de sistema único se opõem às abordagens de sistema duplo, que pressupõem que a formação de palavras (tanto por flexão como por derivação) se dê parcialmente por formação de regras, e parcialmente por armazenamento na memória.

7 Como exemplo, o autor seleciona as palavras “*landscape*” e “*seascape*”, a última criada em analogia com a primeira.

A formação de novas palavras, segundo Booij (2005, p. 264), é de especial interesse para a linguística na medida em que os processos através dos quais são formados, seja na L1 ou na L2, representam “uma janela para a representação mental da linguagem natural e da mente humana”.

### 1.3 *Categorias de Desvios Lexicais*

Uma vez aceita a premissa de que a análise de erros constitui uma janela para a compreensão de processos de aquisição de L2, o desafio que se tem colocado para os estudos em aquisição de L2 é encontrar o melhor modo de classificá-los e interpretá-los. Isso posto, e a fim de proceder à análise dos desvios lexicais assinalados neste estudo, adotaremos a tipologia empregada por Leiria (2006, p. 201) para categorizar o léxico deficitário de aprendizes de L2. Utilizaremos apenas a descrição dos desvios relativos à categoria “vocabulário indisponível”, uma vez que as demais – desvios formais, desvios sintáticos, morfossintáticos e outros – fogem ao escopo deste trabalho.

De acordo com Leiria (2006, p. 201), quando o aprendiz necessita de uma palavra da L2 da qual ainda não dispõe em seu léxico mental, ele pode incorrer em quatro tipos de desvios: (i) empréstimo, (ii) neologismos a partir de empréstimos, (iii) neologismos formais e (iv) desvios em combinatórias. Tais desvios também possuem o status de estratégias na medida em que são ações que o aprendiz faz a fim de atingir um objetivo – nesse caso, a comunicação em L2.

A estratégia de empréstimo consiste simplesmente na substituição do vocábulo da L2 por um vocábulo da L1, ou mesmo de outra língua estrangeira (L3).<sup>8</sup> Já a criação de neologismos é um processo mais complexo, subdivididos por Leiria entre neologismos por empréstimo e neologismos formais. Enquanto os primeiros envolvem a criação de um novo vocábulo a partir do léxico da L1 ou de outra LE e da forma da L2, os últimos são detectados a partir da combinação entre o léxico da L2 e a forma da L2. Dito de outro modo, nos neologismos formais o falante processa a informação a partir da língua-alvo, com base em um padrão de regularização formado pelo léxico da L2 e com regras da L2.

Por fim, os desvios em combinatórias referem-se ao desconhecimento de expressões na L2, o que obriga o aprendiz a recorrer a processos aditivos e a usar

---

8 Leiria sintetiza o resultado do estudo de Estrela e Antunes (2017), mencionado aqui na seção 1.1, com relação ao uso de empréstimos na aquisição de língua. “Estudos comprovaram uma tendência natural para um maior uso dessa estratégia quando a língua materna e a língua-alvo do aprendiz são próximas. Quando essas são mais distantes, pode ocorrer o empréstimo de itens lexicais de uma língua estrangeira considerada pelos aprendizes como mais próxima da língua-alvo” (ESTRELA e ANTUNES, 2017, p. 908).

palavras da L2 para produzir combinações aproximadas<sup>9</sup> (Leiria, 2006, p. 198).

#### 1.4 Neologismos e Morfologia Derivacional

Dos quatro tipos de desvios supracitados, os que resultam em neologismos são objetos de análise da morfologia derivacional, visto que são os processos derivacionais – em contrapartida aos flexionais – que criam unidades lexicais a partir de temas, radicais e palavras. O acréscimo de um afixo derivacional a um vocábulo, assim, traz uma modificação na sua estrutura léxico-conceitual, a qual pode ser “de localização, oposição, reversão, atividade, ação, eventividade, agentividade, causatividade/causalidade, avaliação, posse, origem, etc.”. (Rio-Torto, 2002, p. 254).

Como ilustração, se podem observar os sufixos “dor” nas palavras “corredor” e “investigador” e “ês” nas palavras “holandês” e “chinês”: enquanto o primeiro acrescenta a ideia de agentividade, o segundo incorpora, ao vocábulo original, a origem. Esses mesmos exemplos podem ser usados para sublinhar outra característica dos morfemas derivacionais, ou seja, a possibilidade de alterar ou não a classe sintática da base da palavra a qual se unem. Tais alterações podem se dar com base em diferentes combinações: de verbo para adjetivo e para verbo, de nome para adjetivo e para verbo, de adjetivo para nome e para verbo, e, finalmente, de adjetivo para advérbio.<sup>10</sup> (Rio-Torto, 2002, p. 268). Assim, no caso dos exemplos “corredor” e “investigador”, ocorre uma modificação da classe sintática verbo (correr e investigar) para nome, enquanto no caso de “holandês” e “chinês” há uma modificação dos nomes (Holanda, China) para adjetivos.

Uma das teorias recentes que tem buscado compreender os processos de formação de palavras é a Morfologia Construcional de Booij (2010), que consiste na aplicação de preceitos-chave da Gramática Construcional (Goldberg, 1995) a fenômenos morfológicos. O principal desses preceitos é a compreensão de uma construção linguística como um pareamento sistemático de forma e significado, seja para fenômenos sintáticos, seja para fenômenos morfológicos. (Booij, 2015, p.427)

A fim de explicar as relações sistemáticas de forma e significado entre as

9 Não nos ocuparemos deste tipo de desvio no estudo.

10 Rio-Torto et al. (2013, p. 108) classificam os tipos de produtos gerados por sufixos em nominalização, adjetivalização e verbalização. A nominalização é classificada em quatro subtipos: deverbal (avaliar – avaliação), deadjetival (triste – tristeza), denominal (cristal – cristaleira) e avaliativa (bicho – bichinho); a adjetivalização, em deverbal, denominal e avaliativa; a verbalização, em deadjetival, denominal e avaliativa.

palavras, a Morfologia Construcional (MC) se vale de esquemas. Booij (20015, p. 4) os ilustra a partir dos pares de palavras “*art/arty; bitch/bitchy; girl/girly; rust/rusty*”<sup>11</sup>, esclarecendo que o significado dos adjetivos pode ser parafraseado como “possuindo propriedades características de N, onde N denota o significado do nome correspondente”. Na MC, tal relação pode ser esquematizada de dois modos:

i) forma:  $\langle [[x]_{Ni}y]A_j \rangle$

significado:  $\langle [\text{possui propriedades características de SEM}_i] \text{SEM}_j \rangle$

ii)  $\langle [[x]_{Ni}y]A_j \leftrightarrow [\text{possui propriedades características de SEM}_i] \text{SEM}_j \rangle$

Booij descreve o segundo esquema da seguinte forma: a flecha dupla mostra a correspondência forma-significado, a variável X indica a forma fonológica do nome, e a abreviação “SEM” representa o significado (semântica) do nome e, conseqüentemente, do adjetivo correspondente. O autor assinala que esse esquema tem uma dupla função: além de mostrar que a construção dos adjetivos em -y na língua inglesa não é completamente arbitrária, indica também como novas palavras podem ser formadas. (Booij, 2015, p.427)

Nesse contexto, Neto (2017) assinala a polissemia nas construções morfológicas avaliadas pela MC, dado que, além de esquemas, são previstos subesquemas sempre que houver subespecificações semânticas. O autor exemplifica esse conceito através das seguintes palavras pertencentes ao esquema *X-dor*: cobrador, tatuador, varredor, agitador, fraudador, destruidor, ventilador, liquidificador, secador, pregador, cortador, borrifador, provador, corredor. A possibilidade de categorizar tal esquema em subesquemas menores – como por exemplo o de agente (cobrador, tatuador, varredor, destruidor), objeto (ventilador, secador, pregador, borrifador) e local (provador, corredor) – é sistematizada na MC através de esquemas e de estruturas arbóreas que “preveem como esse conjunto pode ser expandido por meio de uma rede de relações hierárquicas”. (Neto, 2017, p. 417) Assim, as instanciações do esquema *X-dor* ilustrado acima seriam representadas do seguinte modo:

- Esquema geral:  $\langle [[x]_{vi} -dor]S_j \leftrightarrow [X \text{ envolvido em SEM}_i] S_j \rangle$

- Subesquema de agente:  $\langle [[x]_{vi} -dor]S_j \leftrightarrow [AGENTE \text{ envolvido em SEM}_i] S_j \rangle$

<sup>11</sup> Arte/artístico; cadela (figurado)/vadia, perversa; menina/afeminado; ferrugem/enferrujado.



- Subesquema de objeto: < [[x]<sub>vi</sub> -dor]S<sub>j</sub> ↔ [OBJETO envolvido em SEMV<sub>i</sub>] S<sub>j</sub>>
- Subesquema de local: < [[x]<sub>vi</sub> -dor]S<sub>j</sub> ↔ [LOCAL envolvido em SEMV<sub>i</sub>] S<sub>j</sub>>

O subesquema da palavra “tatuador”, por exemplo, teria a forma de <[[tatu] v -dor]> tatuador, e o significado de < [agente envolvido em tatuar] tatuador>, e a flecha de direção dupla estaria evidenciando a relação indissociável entre ambos.

Com o suporte dos conceitos teóricos, passa-se à descrição da metodologia e à apresentação dos dados coletados a partir da análise das produções textuais selecionadas para este estudo.

## 2 Metodologia

O corpus do trabalho envolveu a totalidade das produções escritas de falantes de italiano aprendizes de português como L2 de níveis de proficiência A1, A2, B1 e B2 disponíveis no corpus do CELGA-ILTEC – Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada e Instituto de Linguística Teórica e Computacional – da Universidade de Coimbra. Desse total, algumas produções foram desconsideradas por apresentarem somente desvios lexicais de natureza diversa do escopo deste estudo, o que resultou em um corpus composto por 23 produções textuais, doze pertencentes ao grupo A1/A2, e onze, ao grupo B1/B2.

Os textos versavam sobre temas gerais, como “descrição da cidade natal” e “comidas favoritas”, com uma extensão média de 7 a 10 linhas. O número de desvios lexicais originados pela indisponibilidade, no léxico mental do aprendente, dos vocábulos na língua-alvo foi modesto: 28 desvios no total, 14 nos níveis A1/A2 e 14 nos níveis B1/B2.

Conforme anteriormente descrito, a classificação dos desvios por aprendizes de L2 de Leiria (2006) serviu de base para a análise realizada no estudo. Selecionou-se somente a categoria “vocabulário indisponível”, e três de suas subcategorias, conforme apresentado no Quadro 1.

**Quadro 1 – Tipologia de desvios lexicais**

Desvios lexicais analisados		
1 Empréstimos	2 Neologismos por empréstimo	3 Neologismos formais
1a Empréstimos por L1	2a Neologismos por L1	Neologismos por léxico L2 + forma L2
1b Empréstimos por L3	2b Neologismos por L3	

Fonte: elaborado pelo autor

Cabe lembrar que a sigla “L3”, neste estudo, foi usada para fazer referência a qualquer língua adicional do aprendiz que fosse diversa da L1 (italiano) e da L2 (português). Como alguns participantes possuíam mais de uma L3, apresentaram-se, nos Quadros 2 e 3 a seguir, as línguas estrangeiras adicionais dos participantes, com a indicação da língua de maior proficiência.

**Quadro 2 – L3 dos aprendizes do Grupo A1/A2**

Aprendizes	L3	
	Língua adicional maior prof.	Outras línguas adicionais
1	<i>Inglês</i>	—
2	<i>Inglês</i>	—
3	<i>Inglês</i>	Francês
4	<i>Inglês</i>	Espanhol
5	<i>Inglês</i>	—
6	<i>Inglês</i>	—
7	<i>Inglês</i>	—
8	<i>Inglês</i>	—
9	<i>Francês</i>	—
10	<i>Inglês</i>	—
11	<i>Inglês</i>	Alemão
12	<i>Inglês</i>	—
Total	Inglês – 11 Francês- 1	Francês – 1 Espanhol – 1 Alemão – 1

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 2 evidencia que a maioria dos aprendizes (9, em um total de 12) possuem o inglês como a única língua adicional, ou pelo menos como a única língua cujo conhecimento é por eles considerado suficiente para ser classificado como tal. Vale notar, ainda, que entre as quatro línguas diversas do inglês, uma delas é de anglo-saxônica, o que reduz o conhecimento de línguas romance, a exemplo da L1 e da L2, aos aprendizes de números 3, 4 e 11.

A seguir apresentamos o conhecimento de línguas estrangeiras dos aprendizes pertencentes ao grupo mais proficiente.

**Quadro 3 – L3 dos aprendizes do Grupo B1/B2**

Aprendizes	L3	
	Língua adicional maior prof.	Outras línguas adicionais
1	Inglês	Espanhol
2	Francês	_____
3	Francês	Inglês, espanhol
4	Francês	Inglês
5	Inglês	Espanhol
6	Espanhol	Inglês, francês
7	Dinamarquês	Espanhol, inglês
8	Inglês	Francês, espanhol
9	Inglês	Espanhol, francês
10	Inglês	_____
11	Espanhol	Inglês, francês
Total	Inglês – 5 Francês – 3 Espanhol – 2 Dinamarquês - 1	Espanhol – 2 Inglês – 1 Inglês/Espanhol – 2 Inglês/Francês – 2 Francês/Espanhol – 2 Nenhuma – 2

Fonte: elaborado pelo autor

Os aprendizes do grupo mais proficiente apresentam um quadro significativamente mais diverso do que os do grupo menos proficiente no que diz respeito ao conhecimento de línguas adicionais, conforme se pode ver no Quadro 3. Ainda que o inglês continue a ser a língua de maior proficiência desse grupo, ele divide espaço com o francês, o espanhol e o dinamarquês.

O dado que mais chama a atenção, contudo, não reside na língua de maior proficiência entre o conjunto de línguas que, neste estudo, simplificada-mente classificamos como “L3”, e sim nas demais línguas adicionais. Enquanto no grupo A1/A2 houve somente três aprendizes, de um total de doze, que mencionaram o conhecimento de outras línguas além do inglês, no grupo B1/B2 ocorreu o inverso: somente dois aprendizes, de um total de 11, declararam possuir conhecimento de apenas uma L3. Além disso, cabe notar que as línguas adicionais citadas pelos aprendizes incluem pelo menos uma língua romance (quando não duas, como nos casos dos aprendizes 3, 8, 9 e 11), com exceção do aprendiz 4, cuja

seleção foi o inglês.<sup>12</sup>

Como mencionado já no início deste texto, o conhecimento de línguas adicionais é um dos fatores que pode ter um efeito no tipo de desvio lexical cometido por aprendizes de línguas estrangeiras. Dada a diferença de contextos linguísticos atestados pelos aprendizes do grupo A1/A2 e do grupo B1/B2, a possível interferência das línguas adicionais nas formas lexicais desviantes de cada grupo foi também observada neste estudo.

Antes de passar à apresentação dos dados, retomamos o principal objetivo do estudo – ou seja, verificar se o nível de proficiência de aprendizes italianos de português como L2 influenciaria na tipologia dos desvios lexicais –, bem como seus pressupostos: (i) no grupo de níveis A1/A2 seria verificado um maior número de desvios lexicais por empréstimo em relação ao grupo de níveis B1/B2, e, inversamente, no grupo de níveis B1/B2 haveria um maior número de desvios lexicais por neologismos, considerando os diferentes níveis de proficiência na língua-alvo entre os dois grupos.

### 3 Apresentação de Dados

Nas Tabelas 1 e 2, os desvios lexicais verificados nas produções textuais, inseridos em seu contexto imediato, estão classificados de acordo com a taxonomia apresentada na metodologia. A Tabela 3, por fim, apresenta uma comparação dos tipos desvios observados em cada um dos grupos de aprendizes, a qual servirá de base para responder às questões colocadas por este estudo.

**Tabela 1 - Desvios lexicais do grupo A1/A2**

Níveis A1/A2 – Desvios lexicais em contexto		
Texto	Palavras em contexto imediato	Tipologia do desvio
1	O <i>barrio</i> onde moro... ...o que <i>genera</i> muitos conflitos...	<i>Barrio</i> : 1b, empr. espanhol <i>Genera</i> : 1a, empr. L1
2	Pode-se visitar a torre [...] e o <i>battistero</i> .	<i>Battistero</i> : 1a, empr. L1
3	...tenho de <i>changear</i> a comida.	<i>Changear</i> : 2b, neologismo empr. L3 (inglês)
4	Moro...com uma pequena <i>irmana</i> .	<i>Irmana</i> : 1b, empr. L3 (espanhol)
5	...outras são viajadores como <i>mi</i> . ...estar no aeroporto <i>dues</i> horas antes.	<i>Mi</i> : 1a, empr. L1 <i>Dues</i> : 1a, empr. L1

12 Não se deve esquecer, contudo, que a língua de maior proficiência do aprendiz é o francês.

6	Foi muito <i>divertito</i> .	<i>Divertito</i> : 1a, empr. L1	
7	...na minha <i>ciudad</i> ...	<i>Ciudad</i> : 2b, neologismo empr. espanhol <sup>13</sup>	
8	Tenho <i>ochos</i> azul.	<i>Ochos</i> : 2a, neologismo empr. L1	
9	...tenho cabelo castanho, ondulado, olhos verdes; <i>carnação</i> clara.	<i>Carnação</i> : 2a, neologismo empr. L1	
10	Depois vou a <i>bailar</i> com outros amigos...	<i>Bailar</i> : 1b, empr. espanhol	
11	As casas são antigas e não têm <i>reenquecimento</i> .	<i>Reenquecimento</i> : 3, neologismo formal	
12	Como muito <i>legéro</i> .	<i>Legéro</i> : 1a, empr. L1	
<i>Total</i>	14 desvios	Empréstimos L1 = 6 L3 = 3	Neologismos por empr. L1 – 2 Neologismos por empr. L3 – 2 Neologismo formal = 1

Fonte: elaborada pelo autor

De acordo com a Tabela 1, os quatorze desvios lexicais do grupo iniciante subdividiram-se em nove empréstimos e em cinco neologismos. Entre os empréstimos, seis deles tiveram origem na L1 – “*genera, battistero, mi, dues, divertito, légero*” – e três, no espanhol – “*barrio, irmana, bailar*”.<sup>14</sup>

Dos cinco neologismos verificados nas produções textuais dos aprendizes de níveis A1 e A2 de proficiência, dois ocorreram por empréstimo da L1 – “*ochos*” e “*carnação*” – dois, por empréstimo da L3 – “*changear*” e “*ciudad*”, e outro, ainda, pela união de um vocábulo da L2 e da forma da L2 – “*reenquecimento*”.

Somente dois desses empréstimos, no nosso entender, necessitavam do conhecimento das palavras na língua estrangeira para a sua compreensão, dada a distância entre elas e as formas das palavras com o mesmo significado na língua portuguesa. O primeiro deles é “*changear*” (texto 3), criado com base no verbo inglês “*change*” e na desinência de verbo no infinitivo *-ar*, sendo o significado desejado pelo aprendente o de “mudar/variar”. O segundo, presente no texto 9, foi empregado para fazer referência a tez de uma pessoa, e elaborado pela combinação da palavra italiana *carnagione* (tez, em português) e o sufixo *-ção*, tendo

13 Considerando a diferença sutil entre a forma criada pelo aprendiz e a palavra em espanhol (“*ciudad*”), nos parece pertinente retomar a definição de neologismo por empréstimo empregada neste estudo: criação de um novo vocábulo a partir do léxico da L1 ou de outra LE e da forma da L2 (Leiria, 2006).

14 É relevante o fato de que somente o aprendiz 4 mencionou o espanhol como uma língua adicional no questionário de sondagem, conforme dados da Tabela 1. A possível explicação é que os demais não consideraram o conhecimento que possuíam desta língua suficiente para considerá-la uma L3.

como resultado “carnação”.

Já os três neologismos restantes – “*ciudade*”, no texto 7, “*ochos*”, no texto 8, e “*reenquecimento*”, no texto 11 –, mais semelhantes ao português tanto na forma como no significado, são mais acessíveis. Entre eles, entendemos que somente o terceiro merece uma análise mais detalhada, dado ser o único classificado como “desvio formal”: é formado a partir da forma desviante do verbo “aquecer” (no caso, “*enquecer*”), ou seja, da L2 do aprendiz, e do prefixo *-re* e do sufixo *-mento*, afixos também presentes na língua portuguesa. A palavra que o aprendiz buscava para veicular o significado pretendido, mas que ainda não estava disponível em sua interlíngua, era “aquecimento”.

Por restrições de espaço e a título de ilustração, nos limitaremos, a seguir, a empregar os preceitos da Gramática Construcional em duas possibilidades de esquemas morfológicos: o primeiro com a forma desviante “reenquecimento”, e o segundo com a forma correspondente na língua-alvo – ou seja, aquecimento.

< [[(Re)enqueci]<sub>vi</sub> -mento]<sub>Nj ↔</sub> [AGENTE / OBJETO envolvido em SEM<sub>i</sub>]<sub>j</sub> >

e [[Aqueci]<sub>vi</sub> -mento]<sub>Nj ↔</sub> [AGENTE / OBJETO envolvido em SEM<sub>i</sub>]<sub>j</sub> >

Passemos à descrição dos desvios lexicais dos aprendizes de níveis B1 e B2, e, na sequência, a uma comparação entre os dois grupos.

**Tabela 2 - Desvios lexicais do grupo B1/B2**

Níveis B1/B2 – Desvios lexicais em contexto		
Texto	Palavras em contexto imediato	Tipologia do desvio
1	É uma <i>ciudade soportável</i> ...	<i>Ciudade</i> : 2b, neologismo empr. L3 (espanhol) <i>Soportável</i> : 2a, neologismo empr. L1
2	...há muitos restos e <i>testimoniâncias</i> dos romanos...	<i>Testimoniâncias</i> : 2a, neologismo empr. L1
3	... <i>solitamente</i> canto no Karaokê.	<i>Solitamente</i> : 1a, empr. L1
4	Felizmente havia o <i>custode</i> do prédio...	<i>Custode</i> : 1a, empr. L1
5	Não só os <i>presenteadores</i> <i>conocem</i> carros, mas...	<i>Presenteadores</i> : 1b, empr. L3 (espanhol) <i>Conocem</i> : 1b, empr. L3
6	...um quarto bastante <i>amplio</i> ... A <i>privacy</i> não é muita.	<i>Amplio</i> : 1b, empr. L3 (espanhol) <i>Privacy</i> : 1a, empr. L1

7	Meus pais gostam de ter contato com a <i>natura</i> .	<i>Natura</i> : 1a, empr.L1	
8	... <i>evaluar</i> cada proposta...	<i>Evaluar</i> : 1b, empr. L3 (espanhol)	
9	... o barulho da cidade, os <i>musicantes</i> da rua...	<i>Musicante</i> : 2a, neologismo empr. L1	
10	Há muitas casas abandonadas, que são também <i>fascinosa</i> s...	<i>Fascinosa</i> s: 2a, neologismo empr. L1	
11	...ao menos do <i>aire</i> limpo e da...	<i>Aire</i> : 1b, empr. L3 (aire)	
<i>Total</i>	14 desvios	Empréstimos L1 = 4 L3 = 5	Neologismos por empr. L1 - 4 Neologismos por empr. L3 - 1

Fonte: elaborada pelo autor

Conforme exibido na Tabela 2, os desvios lexicais dos aprendizes do grupo B1/B2 são subdivididos em nove empréstimos – quatro tendo origem na L1, e cinco, em uma L3 – e em cinco neologismos por empréstimo, três provenientes da L1 e somente um proveniente de uma L3. Esses números chamam a atenção por corresponderem ao mesmo número de desvios do grupo A1/A2, tanto no que se refere ao total de formas desviantes como no que se refere ao número de desvios lexicais por empréstimo e de desvios lexicais por neologismos.

Os empréstimos decorrentes da L1 são “*solitamente*” (frequentemente), no texto 3, “*custode*” (zelador), no texto 4, “*privacy*”, no texto 6, e “*natura*”, no texto 7<sup>15</sup>. O conhecimento do léxico espanhol, por sua vez, é empregado como uma estratégia lexical nos textos 5, 6, 8 e 11, através do emprego das seguintes palavras: *presenteadores*, *conocen*, *amplio*, *evaluar* e *aire*.

É importante resgatar aqui a informação revelada no Quadro 2, relativa ao conhecimento de línguas estrangeiras diversas do português: todos os aprendizes possuíam pelo menos uma L3, embora a situação mais comum fosse o conhecimento de duas ou três línguas adicionais, as mais conhecidas sendo inglês, francês e espanhol. Se relacionarmos essa informação com o fato de que todos os empréstimos tomados de uma língua estrangeira foram trazidos do espanhol, e não do inglês ou do francês, nos parece plausível sugerir que esses dados estão em linha com a hipótese da “psicotipologia linguística” descrita na seção 1.1, a qual sustenta que a percepção dos aprendizes em relação à distância entre a L1 e

15 “*Privacy*” é um exemplo de empréstimo de palavras de língua inglesa na língua italiana.

a L2 – ou entre a L2 e outra LE –, independentemente da distância real entre elas, é uma das principais motivações para o fenômeno da transferência linguística. Dois estudos relativos a essa hipótese são particularmente relevantes aqui: o primeiro é o de Estrela e Antunes (2017), que verificou desvios lexicais cometidos por falantes de italiano devido ao uso de espanhol, e o segundo é o da própria Leiria (2006), que também encontrou no espanhol uma das fontes de transferências indevidas de empréstimos linguísticos realizados por aprendizes de português L2.

Com relação aos neologismos, à exceção de “*ciudade*”, formado a partir do espanhol, os demais foram criados com base no léxico da L1: “sopportável”, “testimoniâncias”, “fascinosa” e “musicante”<sup>16</sup>. O primeiro é constituído pelo vocábulo italiano “*sopportare*” e o uso do sufixo *-vel* como formador de adjetivo em português. O segundo, que significa “testemunho” em português, tem como partes constituintes o verbo “*testimoniare*”, testemunhar, e o sufixo *-cia*, que em português significa ação ou estado. Nesse caso, a forma lexical “testimoniâncias” (ou seja, testemunhos) poderia ser compreendida como a ação de testemunhar.

A forma desviante “fascinosa” é possivelmente a que exija maior esforço para ser compreendida se avaliada desprovida de um contexto específico, visto que decorre da fusão do adjetivo “*fascino*”, em italiano, e do sufixo *-os*, presente tanto no italiano como no português. A palavra buscada pelo aprendiz, na sentença sob análise, era “fascinantes”.

Por fim, cabe comentar sobre o desvio “musicante”: tem-se o vocábulo “*musica*” associado ao sufixo “*-nte*”, ambos pertencentes ao sistema da língua italiana.<sup>17</sup> Empregando os esquemas propostos por Booij (2010), ter-se-ia o seguinte formato para representar o desvio:

< [[*musica*]<sub>Vi</sub> -*nte*]<sub>Nj</sub> ↔ [AGENTE envolvido em SEM]<sub>j</sub> >

De posse da análise dos desvios lexicais verificados nas produções textuais, na parte final desta seção os confrontaremos com as questões levantadas por este estudo.

#### 4 Análise de Dados

O objetivo primeiro do estudo foi o de verificar se haveria uma relação

16 As palavras correspondentes em italiano são “*sopportabile* ou *sopportevole*, *testimonianza*, *affascinanti* ou *fascinosi* e *musicista*”.

17 Tanto a palavra “*música*” como o sufixo *-nte* também existem em português, fato que tornou mais complexa a tarefa de classificação do desvio lexical. Decidimos por classificá-los como neologismo por L1 a partir da premissa de que um falante aciona, sempre que for possível, primeiramente a sua L1 nas tentativas de inferência lexical em línguas estrangeiras.



entre nível de proficiência na L2 dos aprendizes e a tipologia dos desvios lexicais. Para tanto, selecionaram-se 23 textos de aprendizes de português como L2 e subdividiram-se as formas desviantes em (i) desvios por empréstimo, (ii) neologismos por empréstimo e (iii) neologismos formais. Como visto na seção anterior e exposto de modo resumido na Tabela 3, não foi verificada qualquer relação neste sentido, dado que o grupo menos proficiente e o grupo mais proficiente em português L2 produziram exatamente o mesmo número de desvios por empréstimo – nove –, e o mesmo número de neologismos – i.e., cinco.

**Tabela 3 – Totalidade de Desvios Lexicais**

<i>Desvios lexicais por grupo de aprendizes</i>		
<i>Desvio lexical</i>	<i>Grupo A1/A2</i>	<i>Grupo B1/B2</i>
Empréstimo L1	6	4
Empréstimo L3	3	5
Neologismos por L1	2	4
Neologismos por L3	2	1
Neologismos formais	1	-----
Total desvios empréstimo	9	9
Total desvios neologismos	5	5
Total de desvios lexicais	14	14

Fonte: elaborada pelo autor.

Desse modo, os pressupostos iniciais do estudo – ou seja, (i) de que os aprendizes do grupo menos proficiente cometeriam mais desvios lexicais por empréstimo e, inversamente, (ii) de que os aprendizes do grupo mais proficiente cometeriam mais desvios por neologismos – não foram confirmados.

Apesar disso, os dados do estudo ratificaram a hipótese da tipologia linguística, não somente devido à presença frequente do espanhol pelo grupo B1/B2 nos seus desvios lexicais, recém analisada na seção anterior, mas também pela quase total ausência da L3 declarada como a de maior proficiência pelos aprendizes do grupo A1/A2, ou seja, o inglês. O fato de apenas um dos aprendizes tê-la empregado na criação de um neologismo – “*change gear*” – sugere que as diferenças estruturais entre o português e o inglês fez com que os aprendizes o rejeitassem – seja inconsciente, seja conscientemente – como recurso linguístico

de produção lexical na língua-alvo.

Sempre levando em consideração a natureza qualitativa do estudo, entendemos ser válido notar que os resultados obtidos pela análise dos dados vão ao encontro da tese defendida por Garcia-Lecumberri e Gallardo (2003), na qual sustentam que os processos de transferência lexical são a principal estratégia dos aprendizes de uma L2, independentemente do nível de proficiência. Para os autores, o que muda é o modo como isso ocorre: enquanto os iniciantes empregam a L1 como modelo de referência para a incorporação de vocábulos, os mais proficientes a empregam para a formação de palavras por cunhagem e calque<sup>18</sup>.

Nesse sentido, se observarmos a Tabela 3, podemos constatar que, de fato, o número de empréstimos com base na L1 foi maior no grupo A1/A2 do que no grupo B1/B2 – 6 *versus* 4 empréstimos –, enquanto o número de neologismos com base na L1 foi maior no grupo B1/B2 – 4 *versus* 2 neologismos.

Uma última observação referente aos dados avaliados, e essa de natureza mais especulativa do que as demais, diz respeito à compreensibilidade da maior parte dos neologismos criados pelos dois grupos de aprendizes: “*change gear, carnação e reenquecimento*”, pelos aprendizes A1/A2, e “*sopportável, testimoniâncias, musicante e fascinosa*”, pelos aprendizes B1/B2.

Comparando os neologismos, parece sensato afirmar que os criados pelo grupo menos proficiente exigem um esforço cognitivo maior para serem compreendidos por um falante nativo de português do que os criados pelo grupo mais proficiente. Ainda que, com exceção de “*change gear*”, os demais neologismos tenham sido formados por *blendings* entre a L1 e a L2 do aprendiz, a chance de um falante de português aproximar o sentido de “*carnação*” e *tez*, e, da mesma forma, “*reenquecimento*” e “*aquecimento*”, especialmente se desprovidas de um contexto claro, seria, ao menos hipoteticamente, menor do que aproximar os sentidos dos neologismos criados pelo grupo intermediário com seus equivalentes em língua portuguesa, mesmo se esses fossem apresentados desprovidos de contexto.

Tal aspecto poderia apontar para uma tendência dos desvios cometidos pelos aprendizes de uma L2 que, se bem compreendida, poderia ser de auxílio no processo de ensino-aprendizagem de uma L2 – i.e., à medida que a interlíngua do aprendente avança em direção ao sistema linguístico da língua-alvo, a diferença mais significativa no que diz respeito aos desvios originados por um léxico deficiente não residiria na tipologia do desvio, e sim no seu padrão de inteligibilidade – entendido aqui como a possibilidade de relacionar os significados dos neologis-

18 Ver definição na nota 4.

mos criados com as palavras referentes na língua-alvo.

Naturalmente, a existência ou não de tal tendência deve ser investigada com base em dados mais robustos, mas parece relevante o suficiente para ser mencionada aqui. Nesse sentido, um argumento em favor dessa hipótese adviria de um fato bastante natural: o léxico mental da L2 dos aprendizes de nível intermediário, ainda que se encontre no processo de formação de hipóteses característico da interlíngua, é provido de recursos mais sofisticados em relação aos de nível básico, o que lhes permite a formação de *blendings* mais complexos e mais “inteligíveis”. Ainda que se constituam em neologismos que resultem em transferência negativa, se considerado o processo evolutivo da interlíngua, certamente estão mais próximos do sistema da língua-alvo do que os criados pelos aprendizes iniciantes.

### Considerações Finais

Este trabalho apresentou uma análise de desvios lexicais cometidos por aprendizes de português como L2 que possuíam como língua materna o italiano. As formas lexicais desviantes avaliadas foram restritas às derivadas pela ausência do vocábulo na língua-alvo, subdivididas nas categorias de empréstimo, neologismos por empréstimo e neologismos formais. Como corpus, foram selecionadas 23 produções textuais de aprendizes divididos em dois grupos: 12 textos de aprendizes de níveis A1/A2, e 11 textos de aprendizes de níveis B1/B2.

O estudo foi construído a partir de duas pressuposições: (i) os aprendizes de nível A1/A2, porque de nível de proficiência mais básico, cometeriam mais desvios por empréstimo; (ii) os aprendizes do grupo B1/B2, por outro lado, apresentariam mais desvios por neologismos, dado seu maior conhecimento da língua-alvo. Nenhuma das duas pressuposições foi confirmada pelos dados na medida em que o número de desvios, seja por empréstimo, seja por neologismo, foi exatamente o mesmo para os dois grupos.

A partir da análise das formas lexicais desviantes produzidas pelos aprendizes, bem como de seu conhecimento prévio de línguas estrangeiras, procedemos ao levantamento das possíveis razões para os resultados encontrados.

Dada a natureza qualitativa do corpus, os resultados e reflexões aqui apresentados podem, no máximo, indicar uma tendência que necessita de estudos adicionais para ser validada. Além disso, deve-se levar em conta a ausência de dados provenientes de aprendizes de níveis mais avançados, os quais, indubita-

velmente, enriqueceriam a análise. Devido a isso, estudos sobre o mesmo tópico, mas realizados com o suporte de uma base de dados estatisticamente significativa, bem como estudos que contemplem aprendizes de níveis avançados de proficiência, certamente trariam novas contribuições para a compreensão dos desvios lexicais em L2.

Apesar das limitações, espera-se que a análise apresentada aqui possa servir como motivação para futuras pesquisas sobre desvios lexicais em aquisição de língua, e em especial em desvios lexicais originados por derivação morfológica, uma área de estudos tão fascinante, porque impulsionada pela criatividade, e tão instigante, porque em constante mutação.

## Referências

- BOOIJ, G. Construction Morphology. *In*: HIPPISEY, A.; STUMP, G. (Org.) **The Cambridge Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, Cap 16, p. 424-448.
- BOOIJ, G. **The Grammar of Words – an introduction to linguistic morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CENOZ, J. The effect of linguistic distance, L2 status and age on cross-linguistic influence in third language acquisition. *In*: CENOZ, J.; HUFEISEN, B.; JESSNER, U. (Org.) **Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- ESTRELA, A.; ANTUNES, S. A sufixação num corpus de aquisição de PLE/L2. **Pelos Mares da Língua Portuguesa**, v. 3, 2017, p. 905-924.
- GARCIA-LECUMBERRI, M. L.; GALLARDO, F. English FL sounds in school learners of different ages. *In*: GARCIA -MAYO, M. P.; GARCIA-LECUMBERRI, M. L. (Org.) **Age and the acquisition of English as a foreign language**. Clevedon: England: Multilingual Matters, 2003, p. 115-135.
- GASS, S. M.; SELINKER, L. **Second Language Acquisition** – an introductory course. 3 ed. New York: Routledge, 2008.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions** – a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HERWIG, A. Plurilingual lexical organization: Evidence from lexical processing in L1-L2-L3-L4 translation. *In*: CENOZ, J.; HUFEISEN, B.; JESSNER, U. (Org.) **Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- JARVIS, S.; ODLIN, T. Morphological type, spatial reference and language transfer. **SSLA**, v. 22, 2000, p. 535-556.
- KELLERMAN, E. Toward a characterization of the strategy of transfer in second language learning. **Interlanguage Studies Bulletin**, v. 2, 1997, p.58-145.
- LLACH, M. P. A. An overview of variables affecting lexical transfer in writing: a review study. **Inter-**

**national Journal of Linguistics**, vol. 2, n. 1, 2010, p. 1-17.

LEIRIA, I. **Léxico, aquisição e ensino do português Europeu Língua Europeu Língua não Materna**. Aveiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. Disponível em: <https://aeaveiro.pt/biblioteca/index.php?page=13&id=4779&db=>. Acesso em: 25 mar 2021.

LO LUCA, M, G. **Italiano: la formazione delle parole**. Roma: Carocci Editore, 2020.

NAVES, T., MIRALPEIX, I.; CELAYA, M.L. Who Transfer More ... and What? Cross-linguistic Influence in Relation to School Grade and Language Dominance in EFL. **International Journal of Multilingualism**, vol. 2, n. 2, 2005, p.113-134.

NETO, N. A. S. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados histórico da língua portuguesa. **Domínios da Linguagem**, v. 11, n. 3, Uberlândia, 2017, p. 468-501. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/5904>. Acesso em: 16 fev. 2021.

OLSEN, S. Errors and compensatory strategies: a study of grammar and vocabulary in texts written by Norwegian learners of English. *System*, v. 27, 1999, p.191-205.

POULISSE, N. A Theoretical Account of Lexical Communication Strategies. In: Schreuder, R.; Weltens, B. (Org.) **The Bilingual Lexicon**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 157-189.

RINGBOM, H. **Cross-linguistic similarity in foreign language learning**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

RIO-TORTO, G.; RODRIGUES, A. S.; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. **Gramática Derivacional do Português**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

RIO-TORTO, G. Flexão e derivação: simetrias e assimetrias. **Revista Portuguesa de Filologia**, vol. XXIV, 2002, p. 253-289.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**, v. 10, 1972, p.209-231.

SINGLETON, D.; O'LAOIRE, M. The role of prior knowledge in L3 learning and use – further evidence of the psychotypological dimensions. In: ARONIN, P.; HUFSEIN, B. **The Exploration of Multilingualism – Development of Research in L3, multilingualism and multiple language acquisition**. Amsterdã/Filadélfia: Johns Benjamin, 2009, p. 79-102.

## Sobre a autora

**Alessandra Baldo** - Doutora em Linguística, Mestranda em Português como L2, Universidade de Coimbra, Coimbra, PT. E-mail: [alessabaldo@gmail.com](mailto:alessabaldo@gmail.com).